

Crítica das crenças

Ensaio filosófico

Mariano Soltys

CATALOGAÇÃO

SOLTYS, Mariano. **Crítica das Crenças:** ensaios filosóficos. São Paulo: Livrorama, 2012.

Prefácio

Mariano Soltys, além de ser tudo o que é, irretorquivelmente, é um filósofo. Isto por uma razão muito simples: o filosofar começa pela dúvida. Antes de qualquer postura teórica positiva, o que vemos é a dúvida: cética, sofisticada, pirrônica, atrevida, não alegre e fácil, mas metódica, radical, instigante e sistemática. Não há nada de grande que tenha sido pensado que não tivesse sido precedido pelo sério questionamento. Antes da nova explicação precisamos colocar em xeque as antigas. Ainda que não sejam as dúvidas e sim as crenças que movem a civilização, é através da dúvida que abrimos o caminho para crenças mais buriladas em relação àquelas mais toscas. Não é possível mudar de paradigma se não vir uma enxurrada de dúvida para relativizar o paradigma anterior. O papel da filosofia é altamente relativizante e não há filósofo bom que não dê a sua pitada de ceticismo e iconoclastia. As crenças estão muito arraigadas ao senso comum e o senso da filosofia é um senso superior, em nada comparável ao senso comum. Embora o senso comum seja o império da quantidade, o senso filosófico não perde o prestígio pela raridade, pois lhe assiste a mais alta qualidade. O leitor verá do que estou a falar ao ler estas áureas páginas. Se até agora você aceitou uma série de coisas e ideias como óbvias, com este livro tudo irá mudar.

Dê uma chance à sua cerebralidade, faça prevalecer a inteligência no lugar do achismo. O caminho da inteligência está traçado neste manual, não deixe de aprender como se instrumentaliza a fortaleza da razão. Além do perquirir o autor dá uma verdadeira aula sobre método. Pois de nada adianta termos a máquina mais maravilhosa do mundo – o cérebro – e não saber usá-lo. Bom proveito, se este livro lhe chegou às mãos você é uma pessoa especial.

Cléverson Israel Minikovsky, filósofo

Prefácio do autor

A presente obra reúne uma reflexão sobre várias crenças, não se tratando somente de religiosas, mas do que as pessoas acreditam, seja algo corriqueiro, moda, tabu ou seja algo mais escondido ou tratado como não aceito pelo comum da sociedade. Eu sou aqui um filósofo, não me confundindo com pregador, nem com algum ateu. Claro que os questionamentos que surgem levarão o leitor ou leitora a pesquisar e tirar a dúvida, analisando de onde surgem suas crenças. Critico também a própria sociedade, que vira personagem no primeiro capítulo, numa espécie de terapia. Já no capítulo Portal para Uma Nova Iluminação traço uma crença mais impessoal, mescla de vários princípios. No capítulo Metafísica trago breves reflexões desse ramo da filosofia que parece ter influenciado em muito as religiões e seus dogmas. O centro da obra é o cristianismo, mas há muito conhecimento de orientalismo e sociedades secretas, até algumas nunca referidas ou citadas, o que deixei ao capítulo sobre a Mão Esquerda, referente a doutrinas do lado sombrio. Alerto aqui nesse ponto que apenas sou um filósofo e narrador, e que não defendo pontos de vista, apenas “soltando o verbo” para não tornar o texto algo muito científico, mas mais uma obra que se assemelha aos clássicos e livros de provérbios. Noções de cabala também aparecem. Uma obra bem original e que não teme falar a verdade, agrade ou desagre. Boa leitura.

Sumário

Terapia social	7
Tragicomédia.....	24
Metafísica	44
Portal para uma nova iluminação.....	59
Doutrinas da mão esquerda.....	81
Poder do pensamento em 3 filosofias sem segredo.....	106

Terapia social

Crítica social sob ponto de vista filosófico

Introdução

O presente capítulo foi escrito como um modo de criticar a sociedade sem ser carregado, como um artista fantasiado de terapeuta. Não tenho formação em psicologia, nem psiquiatria, mas sou um pesquisador e filósofo, aqui trazendo à baila a cliente maior que poderia possuir em meu divã: a Sociedade. Porém ao fim busco um otimismo e uma esperança, onde a sociedade melhora muito de seus complexos, recalques, fobias e demais patologias. Escrevi um texto único, talvez sendo para alguns algo de difícil leitura. Basta você pensar a sociedade como uma pessoa para facilitar a análise, a fim de não ser cansativa ou complexa em demasia. Há uma psicologia do desenvolvimento da sociedade, há suas fases de desenvolvimento e seus complexos. Tem seus desejos, sublima, recalca, satisfaz ou não. A Sociedade tem sentimento, justamente por se constituir de uma coletividade de pessoas. Tem suas paixões, seus sonhos, seu vácuo existencial. A Sociedade desenvolveu seu narcisismo através da cultura da imagem, desenvolveu sua sexualidade através de símbolos fálicos nas construções e artes, tem a sua imortalidade e noção de morte baseados em mitos. A Sociedade evita os vínculos, relativiza os relacionamentos, procura descartar as coisas e ainda entende respeitar o meio

ambiente. A sociedade tem muitas compulsões, vive embriagada em superficialidades e futilidades, compensa suas frustrações nas compras de seu capitalismo. É um adestramento, a sociedade é manipulada e perde sua natureza, é quase antinatural. Ela é indecisa, todo o seu ser se fundamenta numa resposta: “sei lá”. A sociedade é suicida, deseja acabar com sua existência, é um estresse e depressão constantes, epidêmicos. A sociedade restaura seu sistema límbico, com atos reptilianos, suas guerras, seus crimes. Não se satisfaz, a sua felicidade é de representação, ela é uma atriz que deseja ser bem paga. A sociedade não dorme, ela sofre de insônia. Mora sozinha, não divide mais nada, tudo nela é egocentrismo e relações virtuais. Ela é hipócrita por condenar certos atos e em outra idade defendê-los como seus direitos, como “direitos iguais”. A sociedade é uma eterna adolescente, vive em crise. Tem filhas, a Justiça, a Lei, a Igualdade, são filhas tal como a mãe. O inimigo da Sociedade é o Estado, seu pai. Mudou muito, deixa aos poucos suas imperfeições, e está quase curada. Pode a sociedade ainda viver em sociedade, pode ter relações, ser um animal social. Isso e mais revelações tratarei nas linhas abaixo. Tudo o que há na sociedade proveio de suas crenças. Um dos ensaios filosóficos mais recentes meus.

Entre suas diversas vidas nasce a Sociedade, de um parto difícil, de cesária, prematura e indefesa, necessitando de uma incubadora. Quando criança a Sociedade foi rejeitada pelos pais, rejeitou a si mesma. Não amou, não foi amada. Agora vive rebelde, jogando com brinquedos de guerra, desafiando regras, questionando tudo, matando Deus. Fria como uma pedra, não sente nada, não chora, nem percebe o toque em seu próprio corpo. Apenas chora quando vê seu orgulho ferido. Há tanto ódio nessa Sociedade que se pode compará-la a um lutador de boxe, bate para viver. Não é nada, nem calmaria. Agora a Sociedade se divorcia, se separa daquilo que tanto amou. Tenta amar de novo, se entregar. Mas sua crise emocional não acaba, apenas muda de face, como um palhaço que pinta seu rosto com traços de um sorriso diferente. Todos sorriam da cara desse palhaço, mas tal é o ser mais triste, e por isso quer espalhar a alegria e o bem estar, por não querer que os outros sintam o que sente. O palhaço também sou eu que escrevo sobre a Sociedade.

Até hoje a Sociedade não assumiu o que é, não disse o que sente. Extrovertida em palavras, tímida em sentimentos. Ora pensa que a razão é seu sentido de todas as coisas, outra hora acha que tudo é linguagem, que as coisas são símbolos de sua vaidade. Mesmo madura, ainda encontra um grande amor. Desvia seus desejos, recalca, sublima seus impulsos cheios de vida na moral, no bom costume, no trabalho e estudo, é uma colecionadora de

diplomas sem sentido e de dinheiro sem felicidade. Para tanto, de forma que não teve satisfação, busca compensar isso com venenos alucinógenos, viaja dentro de si mesma. Perde-se por acordar em escravidão, e quando dorme, tem sonhos que nunca se realizam. A sua libido constrói torres fálicas, prédios, templos, torres e antenas, a fim de edificar seu poder emulado, haja vista sofrer alguma disfunção na cama de seus desejos. Troca o esposo por um garoto de programa, o amor pelo fetiche. A sua família se torna uma máscara social, uma superstição, vive junto, mas sem qualquer vínculo. E pais matam filhos, e filhos pais, e Édipo e Saturno ressurgem para um ser patricida e incestuoso, outro canibal. O complexo de Saturno é quando pais devoram filhos para projetar neles o seu ideal de vida, mas assim esquecem que o amor é maior que a carne que devoram, como o deus que devorou os filhos. Na Sociedade muitos além de não ter carne para comer, não tem mais a carne de seus corpos, esqueléticos, morrem de fome enquanto seus irmãos vomitam o luxo pelo excesso de ingestão. No excesso de seu consumismo e das bugigangas que coleciona, a Sociedade regozija o que ingere, engana a fome do mundo com promessas de politicagem.

Eu perguntei no divã como a Sociedade se sentia, e ela me disse que se odiava, que se sentia um nada. Ela vive comprando coisas para preencher esse vazio, abarrota sua casa de bugigangas. No amor, ela se masturba com ilusões, usando seu dispositivo de tecnologias e eletrônica,

cultivando um platonismo de um mundo de fantasia, chamado “bem estar social”. Seu discurso é como o de um papagaio, não revela seu ser, apenas revela o que repete e fala para agradar, suas mentiras e interesses outros. A democracia é outro de seus fetiches mais secretos, e sempre almejada, mas nunca conquistada. Ela me disse que sempre vem um aproveitador, um conquistador para enganá-la, um ditador, e agora ela mesma é quem engana. E nós mesmos também somos enganados. E ainda mais, ela insiste em não aceitar o próprio corpo, e emagrece até a desnutrição, até o desmaio. Seus olhos não brilham mais, sem esperança, parecem os olhos de uma boneca esquecida na puberdade dos tempos. Ela foi traficada como objeto libidinoso, e em grande parte, é uma mulher da vida que se vende para quem paga mais.

Noutro dia estava melhor. Ela me falou sobre uma paixão do passado, quando era mais jovem. Aí eu percebi que ainda restava um jardim por cultivar, que existia utopia ou uma cidade do Sol, nessa Sociedade, uma Nova Atlântida. Em “lugar nenhum” eu percebi nela um sorriso enigmático, com suas mil Monalisas de contemplação, colorindo essa arte impressionista de seu rosto ainda sem rugas. Descobri finalmente planos, mudança de vida. Tudo o que era velho e negativo foi esquecido, ela estava convertida, tudo nela foi perdoado. Agora ela constrói o próprio destino, o progresso é seu destino, tem amigos cientistas, acha que pode solucionar todas as coisas.

Por outro lado, a Sociedade pós-industrial coleciona espelhos, é a Cultura da Imagem, com sua moral de espetáculo, superficial e duvidosa como as fotografias e seus tratamentos para “melhorar”. E nesse narcisismo não reconhece nada fora de si, nem o “eco” de sua voz. Indiferente a tudo e a todos, tempera o egoísmo como se fosse um Judas na santa ceia. Frequenta seus novos cultos: clínicas de estética, cirurgiões plásticos e academias de ginástica, sacrificando-se pelo corpo “perfeito”. E nesse mito da aparência heroica, luta com seus monstros imaginários, como um Hércules ou mesmo uma Xena.

A Sociedade tem a povoando uma virgindade emocional, onde não sente amor por ninguém, onde “ninguém é de ninguém”. Ela caça à distância, igual a Ártemis com seu arco-e-flecha, sem tocar a sua vítima e sem se tocar emocionalmente. Vive fechada para o mundo, para a natureza verdadeira, desejando outro mundo de fadas. Porém, a não ser que ela se humanize, não encontrará essa terra de delícias, de leite e mel, esse jardim e paraíso tão almejado.

Mas há festa na vida da Sociedade, há a sua balada. Embriagada ela se solta e dança livre naquilo que é a sua mais verdadeira sinceridade. Vai para o motel e dá trégua a sua libido, libera a tensão, usa sua energia tão acumulada pelo excesso alimentar. Noutro dia acorda com ressaca, volta a ser pessimista e não mais festeja, se excede no trabalho e estudo, vive na hipocrisia de seu mundo

marqueteiro. Convivendo para ser consumista, topa tudo por dinheiro. A sua moral ficou na lembrança e todas as fotos antigas de seus ideais metafísicos, legítimos, são agora trocadas por montagens em computador e por uma realidade ali criada. Aí chega nela a habitar o falso eu, mais falso ainda que o ego, habita uma *persona*, uma verdadeira máscara que chega a enganar inclusive a pessoa a que a usa. Não compreende o que é, nem é o que compreende. Ela não é em ninguém, assim como não é em si mesma. A “coisa em si” para ela deve ser algum tratamento para melhorar a aparência. A Sociedade vira então um *nick*, um ser virtual, uma entidade que se comunica através da rede mundial de computadores. A mentira assim toma a dimensão global e instantânea, velosíssima, e todo o planeta é manipulado como um cachorrinho adestrado. Mas ainda bem que há cães imprevisíveis, que se revoltam frente a humilhação e superficialidade, feito bois em rodeios que atacam. O ser revoltado é todo o gênio, sou eu que agora escreve e desmascara essa paciente chamada Sociedade.

O adestramento do ser humano foi feito, e os escravos servirão. As correntes são antes psicológicas, que acabam por se tornar todos frios e utilitaristas, materialistas sem alma. Muitos vivem insatisfeitos para assim satisfazer os outros. O que custa satisfazer um pouco só a si mesmo? A Sociedade não se preocupa consigo mesma. Apenas acha as coisas e entende ser livre, quando é escrava de modas e hábitos para consumir. Custa desafiar essas invenções

ideológicas, esses fantasmas que nos atormentam já por um século. E ela, a sociedade se tornou médium dessa força que robotiza o ser humano, que a tornou quase máquina ou um ente eletrônico. Voltemos a ser humanos, a sentir o sentimento! Deixemos essas máquinas de lado e apenas as utilizemos na medida do possível. Voltemos a nos abraçar.

Outra vez perguntei para a Sociedade qual o seu sonho, e ela disse: “sei lá”, como quem não se importa com nada. Ela não estuda, prefere vícios e ignorância. Acha que a TV tem algo a ensinar e acredita no que os jornais dizem a ela, nessas coisas pueris, nessa opinião ingênua sobre o mundo. Prefere sonhar em comprar, em colecionar bugigangas, em vez de acabar com a fome mundial, de defender um mundo mais feliz. Acha que rebeldia é fumar e transar em tenra idade ou usar os venenos das drogas. Mesmo se opondo a autoridade de seu pai, o Estado, esse chinês parente de Confúcio, ela não passa de uma bela consumidora (de cigarro, camisinha, remédios etc). Não tem cidadania, a delega, a não ser pelo que tem no bolso, que acaba sendo sua honra e sua moral. Não é responsável, ganha tudo quando chora, o seu pai sempre está a auxiliar, ela não aprende a se bancar financeiramente e emocionalmente. Vive apegada e se anula pelo outros.

Noutro momento ela vem ao consultório com uma face tensa, desejando se suicidar. Inventa leis sobre o aborto e a eutanásia. Também diverte-se com guerras, inventa fins de mundo, toda a sorte de desculpas absurdas. Seu

pensamento já é de quem morreu. Esse impulso de morte se fortalece cada vez mais. Ela se vê como um nada se odeia. Quem irá gostar dela mesma por ela? Ninguém mais do que ela mesma. Mas o mundo continua dizendo para ela que os outros são tudo, que a fama é que tem valor, que ser popular interessa, que ser reservada é ruim. Ela se torna assim ainda mais reservada, por não ser ela mesma, se isola dela mesma. Anda cabisbaixa, sofre de complexo de inferioridade. A Sociedade adora ver filmes épicos, outros tempos de impérios, onde seu orgulho era satisfeito pelo nacionalismo ou algum outro “ismo”. Sua imagem corporal se torna um Frankenstein, um monte de pedaços, como um quebra-cabeça vivo, ou quase morto. Vive com depressão, seus anticorpos não funcionam direito, não se defende mais de suas doenças. Acha que tem doenças incuráveis. Afastou-se de Deus, se afastou de sua alma. Ela é até hipocondríaca. Tem visões, está esquizofrênica. Tentou se matar, mas não conseguiu, é difícil voltar a ser a tribo pacífica e natural de outrora.

Ela também está brincando com seus esportes violentos, onde encontra a fonte borbulhante de certos hormônios, de testosterona. Onde brigam, se agridem, até se matam por motivos banais, por uma rivalidade inventada. Desde jovem já tem essa agressividade acentuada, brincando com a agressão, como se agressão fosse brincadeira. Tal hormônio que deveria ser naturalmente direcionado para o amor, mas que acaba por

ser o espetáculo de algum desvio. Trocam-se as bolas, troca-se a companhia do amor por um jogo. Trai o torcedor fanático, este mata a Sociedade e se suicida. É um ser para a morte, um niilismo. *Marketing* esportivo.

A sociedade assiste a novela da vida através da tela do preconceito, sonha com histórias românticas, com seu grande amor. Seria bom se encontrasse. Porém seu marido, o Moral, é tão fechado emocionalmente que faz tempo que não fazem amor com intensidade. Pra falar a verdade a Sociedade está divorciada de seu Moral. Ela apenas sente prazer agora sozinha, o Moral está extenuado de tudo. Acabou o traindo, encontrou um substituto para o Moral. Ela destrói todos os valores que edificou anteriormente, a fim de obter felicidade. Se noutra tempo cobria o corpo em todas as partes, hoje cobre o menos possível e tende a mostrar sua intimidade. Depilação íntima é mais importante à Sociedade que a cidadania. Não mais fantasia, porém acabou encontrando outro marido (outra moral). Chama-se Liberdade, e parece que assim faz a sua vontade. O Liberdade a liberou no sexo, foi ele que a ensinou a se tocar, foi ele que realizou as suas fantasias e fetiches. A Sociedade se tornou meio que pervertida em seus desejos. Mudou sua imagem corporal, agora tem melhor autoestima. Vive com um malandro, o Liberdade a leva para qualquer caminho, pois tudo se tornou permitido. Porém ela quase não tem sentimento, tornou-se *sex machine*. Voltou ainda a ficar infeliz de novo. Nas cessões ela progrediu, mas ainda

não resolveu seus impasses existenciais. Ela muda de fases como a Lua, a Sociedade é instável.

Perguntei-a se dorme. Disse que não, que sofre de insônia. Talvez seja mero reflexo da depressão. Mero efeito que parece ter se tornado parte do seu destino. Talvez seja a tensão por estar novamente dormido só. Talvez por seus filhos não a respeitarem mais. Fui para a cama com a Sociedade, eu esse pensador e terapeuta solitário, encontrei-a nos seus mais íntimos segredos. Disse que sonha com perseguição, com cobras. Melhor as cobras, as más línguas que a acompanham. Perguntei se tinha inimigas e ela disse que sim. Mas já esqueceu, já perdoou. Reservou um espaço para os índios e nômades, não perseguiu mais os ciganos e ainda deixou de julgar os judeus. Porém sua raiva continua, como uma pegada que derrete o piso, inapagável. Volta-se novamente contra ela mesma, se torna o veneno dos seus próprios pensamentos. Justamente ela que até agora somente desejou ter, que enganou, matou, rejeitou, fez todas as formas de maldade. Com suas inquisições, com suas torturas. Igualmente com suas mansões, carros, joias, seu *glamour*, seu lado *chick*, mas não pode mais comprar pessoas interesseiras como fazia antes. Ela gosta de humilhar seus empregados, acha que pagar impostos lhe dá esse direito. Outrossim, dá esmola, se torna caridosa, politicamente correta.

Agora a Sociedade mora sozinha, é individualista, e escreverá um livro de suas aventuras libidinosas, de seus

clientes. Será um campeão de vendas, tirará a carapuça de homens hipócritas. Ela é ótima garota de programa, orgulho de seus pais, rende bom dinheiro. Ela não tem apenas um sexo, tem todos os sexos e até mesmo a parafilia. Liberou geral a sua consciência. Após matar a alma e matar a Deus, ficou assim pronta a experimentar qualquer coisa, não tem mais limite a sua curiosidade. Talvez ela encarnou seu lado primitivo, seus genes pré-históricos, os animais que já foi. E os homens gostam dessa Sociedade, a amam, ao menos os que têm dinheiro a amam. Principalmente os que fingem amar, os que mentem feito papagaios. Ela tem mil e uma histórias para contar de suas aventuras, de suas perversões. É engraçado que a mesma às vezes fala em princípios, moral, bons costumes. Ela é também intelectual, quis me desafiar na terapia, nem fala tantos palavrões. Os palavrões já não a ofendem mais. Talvez tenhamos que rever seus palavrões, que sentido inconsciente guardam, quais são os complexos envolvidos em se tratar o erotismo como algo negativo. Os ideias mudaram, o que era antes valor não é mais, e o que não era, agora é.

Agora a Sociedade voltou a ser procurada pelo marido, Liberdade, e está procurando seu ponto G. Desde que foi ao *sex shop* da corrupção, descobriu que seu corpo não é tão ruim e que pode sentir prazer. Engraçado, o corpo que antes era instrumento do Demônio, agora é instrumento de prazer e felicidade, de toda a conquista social, divino. Bem, ela antes jogava as pessoas na fogueira e

inventava cintos de castidade, justo ela que defendia o casamento eterno com suas mitologias e tudo mais, agora fala em amor livre. Não mais a traição é seu problema, mas trair-se a si mesma. Sociedade danadinha, agora sai e vai para o motel com o primeiro homem que encontra, se deixa enganar por promessas heroicas e políticas, entrega-se a cultos curandeiros e toda a sorte de superstição. Admito que ela está se abrindo no divã, muitos problemas já foram superados. Venceu certas fobias, mas hoje é o mundo e a natureza que tem fobia dela.

Sua libido agora está quase livre, não mais sofre com histeria, nem tem mais neurose de angústia. Claro que às vezes seu TOC a leva a lavar a mão por mil vezes, a colecionar bugigangas sem utilidade. Tudo para ela se tornou incontrollável, o chocolate se tornou um deus alimentar, até trouxe um bombom ao consultório. Bom, pelo menos adoça um pouco a vida, mas acha agora que ganha uns quilos com isso. Melhor que está feliz, ao menos satisfaz suas necessidades neurobiopsicofisiológicas. Não mais tem o orgasmo da revolução. Onde está aquele grande amor que a completava, como as estrelas que completam o céu? Ela me ensina muito, cada dia as sessões levam a mais descobertas, ela descobriu por hipnose que na sua infância o seu pai era todo poderoso, batia na mãe.

A Sociedade engravidou na adolescência, mas estava feliz pelo ocorrido. Talvez o seu amor mais legítimo seja o amor de mãe, já que nasceu desamada. Sua filha, uma